

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

PROJETO MISSIONÁRIO



PAULO SUESS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Suess, Paulo
Projeto missionário / Paulo Suess. -- São Paulo : Paulinas,
2019. -- (Coleção teologia do Papa Francisco)

ISBN 978-85-356-4548-4

1. Francisco, Papa, 1936- 2. Igreja Católica 3. Missão da Igreja
4. Missionários 5. Teologia I. Título. II. Série.

19-28143

CDD-266

Índice para catálogo sistemático:

1. Missão da Igreja : Cristianismo 266
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição – 2019

Direção-geral: Flávia Reginatto
Conselho editorial: Dr. Antonio Francisco Lelo
Dr. João Décio Passos
Ma. Maria Goretti de Oliveira
Dr. Matthias Grenzer
Dra. Vera Ivanise Bombonato
Editores responsáveis: Vera Ivanise Bombonato
João Décio Passos
Copidesque: Ana Cecilia Mari
Coordenação de revisão: Marina Mendonça
Revisão: Sandra Sinzato
Gerente de produção: Felício Calegaro Neto
Produção de arte: Tiago Filu

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

TEOLOGIA DO PAPA FRANCISCO

A presente coleção Teologia do Papa Francisco resgata e sistematiza os grandes temas teológicos dos ensinamentos do papa reformador. Os pequenos volumes que compõem mais um conjunto da Biblioteca Francisco retomam os grandes temas da tradição teológica presentes no fundo e na superfície desses ensinamentos tão antigos quanto novos, oferecidos pelo Bispo de Roma. São sistematizações sucintas e didáticas; gotas recolhidas do manancial franciscano que revitalizam a Igreja e a sociedade por brotarem do coração do Evangelho.

CONHEÇA OS TÍTULOS DA COLEÇÃO:

ORGANIZAÇÕES POPULARES

Francisco de Aquino Júnior

ESPÍRITO SANTO

Victor Codina

IGREJA DOS POBRES

Francisco de Aquino Júnior

IGREJA SINODAL

Mario de França Miranda

IGREJA EM DIÁLOGO

Elias Wolff

MÉTODO TEOLÓGICO

João Décio Passos

HOMILIA

Antônio Sagrado Bogaz

João Henrique Hansen

DOCTRINA SOCIAL: ECONOMIA, TRABALHO E POLÍTICA

Élio Estanislau Gasda

JESUS CRISTO

Antonio Manzatto

PIEIDADE POPULAR

Ney de Souza

PROJETO MISSIONÁRIO

Paulo Suess

A missão dos eleitos,
de Davi e Marçal Guarani,
de Francisco, Inácio e Irmã Dorothy,
não aconteceu por causa dos seus méritos,
mas pela misericórdia de Deus,
que transformou seu olhar
sobre a essência da vida:
gratidão, sobriedade, mãos vazias.
Deus os fez profetas de um futuro
que não lhes pertence.

INTRODUÇÃO

O discipulado e a missão de anunciar o Evangelho do Reino são como as duas faces de uma mesma moeda (cf. DAp 146, 144). O projeto missionário do Papa Francisco precede seu projeto missiológico. Antes de chegar à Santa Sé, ninguém lhe perguntou se ele, Jorge Mario Bergoglio, por acaso, teria ou não um projeto teológico ou missiológico. Será que foi um descuido dos seus eleitores, no conclave de 2013, não terem perguntado sobre seu “projeto”, porque estavam preocupados em asfixiar, com certa rapidez, alguns focos de incêndios de gestões anteriores?

Enquanto Francisco cuidou de formular seu “projeto missionário”, com foco na “alegria do Evangelho” (*Evangelii gaudium*) e na “Igreja em saída”, as faculdades de Teologia procuravam, com base em alguns antecedentes teológicos e algumas entrevistas de Bergoglio, destilar um “projeto teológico”. Ao falar em *off*, professores e editoras lamentavam a ausência de publicações mais relevantes, de *opera omnia* ou ao menos de uma tese de doutorado, na biobibliografia do novo papa, para fundamentar suas análises ou animar o mercado editorial.

Entrementes, os ventos mudaram. Francisco se revelou como discípulo missionário de Jesus de Nazaré, Francisco

de Assis e Inácio de Loyola, com uma mística trifásica profunda. Seus escritos vendem bem e são esperados como se fossem o novo volume de *Harry Potter*, enquanto as “Obras Completas” de outros ficam como os *dalits* da Índia, intocáveis nas bibliotecas. Oh povo preconceituoso!

Depois de seis anos do pontificado do Papa Francisco, já se pode melhor descrever os contornos de seu projeto gêmeo, missionário e missiológico, que não permite estabelecer uma dicotomia cartesiana entre práxis e teoria. Hoje, a obra teológica do Papa Francisco está composta por encíclicas, cartas, constituições e exortações apostólicas, discursos programáticos, sermões e, sobretudo, por gestos. A Rádio Vaticano comentou que sua viagem ao encontro dos emigrantes africanos e para chorar os mortos das travessias fracassadas, na pequena ilha de Lampedusa, logo no início de seu pontificado (8.07.2013), foi uma encíclica que caminhou com duas pernas para enfrentar a “globalização da indiferença”, uma fincada como uma bengala de protesto no chão da ilha e outra, no lamaçal das lágrimas perdidas numa praia do mar Mediterrâneo.

A encíclica “com duas pernas” aponta o que há de mais precioso na teologia do Papa Francisco, seu olhar para as circunstâncias concretas da vida, que fazem o povo correr atrás de “qualquer coisa para sustentar as próprias famílias” e de onde escutamos a pergunta de Deus que acorda nossa responsabilidade adormecida: “Caim, onde está o teu irmão?”. A homilia de Lampedusa foi comovente.

A realidade nos interpela e cobra coerência com os imperativos do Evangelho, que, por sua vez, exigem “um compromisso com a realidade” (DAp 491). Esse compromisso nos conduz “ao coração do mundo”, onde abraçamos “a realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo” (DAp 148). Anúncio, gestos e práticas simbólicas do Papa Francisco apontam para uma evangelização integral: “Toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas” (DAp 176; cf. EG 88). Francisco estimula a “ler os sinais dos tempos na realidade atual” (EG 108) e a interpretá-los como mensagens que Deus envia a partir do mundo secular à sua Igreja (cf. GS 44,1). A encarnação na realidade produz conhecimento e ação. O discernimento necessário permite pensar na transformação dessa realidade através de “obras de justiça e caridade” (EG 233).

Francisco convida a comunidade missionária com realismo e poesia a “envolver-se”, “acompanhar” e “frutificar” a partir da vida real. Os discípulos missionários tocam “a carne sofredora de Cristo no povo” e “contraem assim o ‘cheiro de ovelha” (EG 24) e a poeira da estrada: “Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG 88).

A teologia do Papa Francisco, norteadada pela sua máxima “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231),

é a teologia indutiva da tradição latino-americana do ver, julgar/discernir e agir, que parte da vida material e espiritual concreta do povo. Nessa teologia não existe divisão de trabalho. O pianista carrega o piano. Não existe estrelismo, mas folhetos soltos, canções alegres e tristes, salmos de lamentações e ladainhas de louvor. Francisco escreve o que vive e vive o que escreve, zelando pela coerência entre vida e discurso. Tudo está a serviço da missão, cujo “primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com ele e impelir-nos com a força do seu Espírito” (EG 12). Ele nos convida a ler, através dos “sinais dos tempos” (cf. EG 14, 51, 108), a sua vontade. “Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio de uma tarefa tão exigente e desafiadora” (EG 12), que é a missão.

A alegria missionária e o ardor pentecostal não nos fazem cegos diante da realidade da cruz e dos crucificados. Mas “um maior realismo não deve significar menor confiança no Espírito” (EG 84). O Espírito Santo, que é o Pai dos pobres, sustenta o ardor missionário em função de outro mundo possível para todos. A polaridade entre alegrias e angústias, entre esperança e tristeza, é também fonte de energia. “Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (EG 109). O roubo dessa força missionária dá-se na distância espiritual e material dos pobres.

A teologia do Papa Francisco é missiologia, pavimentada pela opção pelos pobres que nos convidam a ir aos lugares carentes da presença de Deus. A missão é a razão do nosso ser cristão: “Eu sou uma missão nesta terra”, enviado para “estar com os outros e ser para os outros” e para os “iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar” (EG 273). Nessa missão, Deus “pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo” (EG 12).

O que Deus nos pede, o Papa Francisco descreve por meio de quatro pilares de uma teologia pastoral em chave missionária:

a) abandonar o imobilismo e tradicionalismo e o cômodo critério pastoral: “fez-se sempre assim” (EG 33);

b) “Ouvir a todos”, o que faz parte de um processo participativo, porque “o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas” (EG 35);

c) “Sair de si ao encontro do outro” (cf. 179), porque a Igreja missionária é uma Igreja “em saída”. No outro “está o prolongamento permanente da Encarnação para cada um de nós” (EG 179);

d) concentrar o anúncio no essencial (EG 35), porque “as elaborações conceituais hão de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela” (EG 194).

Sob o ponto de vista missiológico, pode-se ainda acrescentar: marcada pela proximidade aos projetos que

apontam para a vida de todos e os movimentos populares, ecumênicos e inter-religiosos, a reflexão missiológica de Francisco é transdisciplinar e intercultural. Com as leis da física quântica, por exemplo, é mais fácil compreender a afirmação muitas vezes repetida na Encíclica *Laudato si'*: “Tudo está interligado” (cf. LS 16, 91, 117, 138, 240). Também as quatro máximas, com as quais explica “o bem comum e a paz social” (EG 217), são interdisciplinares: “o tempo é superior ao espaço” (EG 222), “a unidade prevalece sobre o conflito” (EG 226), “a realidade é mais importante do que a ideia” (EG 231) e “o todo é superior à parte” (EG 234). Tudo está conectado, produzindo energia pela corrente trifásica entre universalidade, contextualidade e transdisciplinaridade (cf. PRODI, 2019). Na memória das vítimas, na palavra das testemunhas e na coragem dos profetas, essa teologia gera luz.

Os textos e gestos do Papa Francisco são como pedras que, em seu conjunto, configuram o mosaico do Bom Pastor. João XXIII abriu as janelas para o mundo. Francisco abre a porta para a “Igreja em saída” (EG 20ss), para ir ao encontro daqueles que caíram nas mãos dos ladrões, para resgatar a ovelha perdida e a terra maltratada, para receber o filho pródigo e insistir sobre um outro estilo de vida. O Jesus de Francisco é o Jesus encarnado no povo simples e na história, o Jesus missionário e macroecumênico, do lava-pés, itinerante, despojado. Seu projeto é o Reino, e

os sujeitos desse projeto são os pobres, os que sofrem e os pecadores arrependidos: “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer” (EG 48).

Há navegantes que consideram o barco da Igreja como arca de Noé em alto-mar. Para estes, a abertura das janelas, feita por Noé e João XXIII, já era mais do que suficiente. Por conseguinte, resistem contra a abertura da porta – “vai entrar água e a arca pode ir ao fundo do mar”. Mas quem resiste à abertura da porta resiste a Jesus, que é porta e caminho (Jo 10,9; 14,6). Não se deram conta de que o barco, já faz tempo, está encalhado em terra firme e que os navegantes precisam sair para desencalhá-lo. “Igreja em saída” significa desencalhar o barco e oferecer saídas para o barco encalhado. Francisco aposta nos passageiros do barco. Com Jesus ressuscitado no meio deles, eles serão seus timoneiros e pilotos. “A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história” (EG 181), e na história procura ler os sinais de Deus no tempo. É a transformação missionária da Igreja (EG, cap. 1). Talvez, essa transformação missionária seja a resposta tardia para Medellín (1968), cujo tema era “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. A teologia de fundo, a Teologia fundamental, do Papa Francisco, é Teologia da missão para uma Igreja em saída, com asas abertas

para voar além-fronteiras. Por deitar suas raízes na vida dos pobres, dos excluídos e nas periferias geográficas e psicossociais da humanidade, Francisco, o discípulo missionário, é gerador de esperança. Sempre viverá a tensão entre asas e raízes, entre seus voos altos e suas raízes profundas.

1

POROROCA MISSIONÁRIA

O projeto missionário-missiológico do Papa Francisco é tão fascinante quanto a pororoca do rio Amazonas no encontro com o Oceano Atlântico. É um encontro impetuoso, um abraço apaixonado de águas doces com salgadas, como a missão. A doçura da missão e o mundo salgado produzem sinergias que sustentam a vida humana. Numa época de crise mundial e eclesial, o Papa Francisco veio para mostrar a força e a doçura do Evangelho ao mundo, cujo sal, que é de origem mineral, portanto, de origem nobre, não tem prazo de validade, mas pode perverter sua finalidade pelo uso excessivo.

O itinerário missionário de Francisco é como o rio Amazonas, o rio-mar que, antes de chegar ao encontro com as águas do Oceano, se enriquece de muitas fontes. No tempo das enchentes, corrige suas margens e incorpora novas terras. Na foz, ocorre um forte barulho causado pelas ondas agitadas do rio que, por um instante, resiste a deixar de ser rio e entregar seus despojos, sem mais nem menos, ao silêncio das águas do mar. Quem ouviu esse estrondo, na

foz do Amazonas, jamais o esquecerá. Os primeiros habitantes e navegantes da região, os índios tupi, chamaram esse encontro de “pororoca”.

A teologia do Papa Francisco, que é fundamentalmente uma teologia missionária, tem algo a ver com esse estrondo na foz do rio Amazonas, que é um contraponto à sonolência de muitos tratados teológicos de hoje que se refugiam em suas fontes sem gratidão e criatividade, e que têm medo de avançar para águas mais profundas e misteriosas, além da pororoca.

Sim, a “pororoca missionária” do Papa Francisco, às vezes, é barulhenta, acorda, derruba árvores às margens do rio e traz pequenas ilhas, que arrancou da terra firme, como memória de uma longa viagem e sinal da renovação necessária e possível. Dias antes de o Amazonas chegar à sua foz, os tambaquis acomodados e os tucunarés medrosos, que acompanharam o rio, sentindo o cheiro do mar salgado e o barulho da pororoca, se despedem e voltam para as águas seguras de ontem.

Às vezes, por alguns instantes, a pororoca recorre ao silêncio, o que permite ouvir um casal de araras com seu *rarara* por perto. Uma ave, por ser bonita, nem sempre sabe cantar, e o uirapuru-verdadeiro, uma ave que não chama a atenção pela beleza de suas penas, é considerado músico da mata. Uma árvore que cai faz mais barulho que

uma floresta que cresce. Vivemos rodeados por surpresas e indícios de que os dons da natureza foram aleatoriamente distribuídos. Mar adentro, longe da foz, o Amazonas, rio de água doce, se desfaz no mar salgado, onde assume sua eternidade.